

DOT HUTCHISON

ROSAS
DE
MAIO



Planeta

Livro 2 da trilogia O Colecionador

Tradução
Débora Isidoro



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

O nome dela é Darla Jean Carmichael, e ela é a sua primeira.

Mas você ainda não sabe disso.

O que você sabe, neste lindo dia de primavera, é que parece que Deus se esforçou muito para fazê-la mais bonita. Ela tem essa beleza inocente, sem artifício ou vaidade; e é por isso que você a ama desse jeito. O cabelo loiro e brilhante cai pelas costas em cachos soltos e pesados. Ela está usando novamente o vestido de primeira comunhão branco e fora de moda, e até vestiu as luvas de renda e o chapéu engomado. Você já viu alguma coisa tão saudável? Tão pura?

Até a natureza concorda com você hoje. Dos dois lados do caminho de terra para a igreja, a grama é repleta de narcisos, amarelos e brancos, como se estivessem preparados para combinar com Darla Jean. Até as margaridas são amarelas e brancas, e repare que em muitos anos elas desabrocham formando longas faixas lilases nos campos.

Neste ano só existe Darla Jean.

Exceto pelo fato de que... não é apenas Darla Jean.

A mão dela descansa no braço de um rapaz, encaixada na dobra do cotovelo como se aquele fosse seu lugar, mas não é. Aquele braço não é o lugar onde deveria estar a mão dela, porque o rapaz não é você. E Darla Jean é sua.

Sempre foi sua.

Ela nunca precisou que você lhe dissesse antes; sempre soube, como tinha de ser, porque vocês nasceram um para o outro, apesar do que outras pessoas diriam, se soubessem disso.

Furioso, magoado, você os segue até a igrejazinha de tijolos aparentes, construída diante de uma imensidão de árvores floridas, que chega a

lembrar um cenário de tapeçaria. De algum jeito, apesar da enxurrada de emoções latejando em seus ouvidos como uma segunda pulsação, você percebe outras coisas. O rapaz carrega com a mão livre um cesto de guloseimas que a mãe de Darla pediu que ela levasse à igreja, cada uma embrulhada individualmente para ser vendida, porque a igreja precisa de um telhado novo antes da temporada de chuva.

Ele se inclina na direção dela a cada vez que ela ri.

E ela ri muito.

Mas esse som na verdade é seu, como tudo nela é seu. E como ela ousa compartilhar tudo isso com outra pessoa? Aquela risada sempre o deixou mais calmo, afastando-o da raiva que está sempre muito perto de vir à tona. Agora, cada vez que a escuta, límpida e macia, como o vento cantando em sua varanda dos fundos, você sente uma dor aguda no peito, um eco latejante em seu crânio.

Eles entram juntos na igreja, e você leva um minuto ou dois para encontrar uma janela por onde consegue enxergar claramente o lado de dentro, tomando cuidado para não ser visto. Ela não precisaria saber de sua presença ali para ter consciência do que deve a você, para saber como deveria se comportar. O interior da igreja é pouco iluminado. Com os olhos acostumados ao sol, a sua vista fica cheia de sombras e de pontinhos luminosos, por isso você não entende imediatamente o que está acontecendo.

Finalmente, percebe.

E tudo que vê é sangue.

Ele a está beijando, ou ela o está beijando, os rostos próximos, os corpos afastados quase trinta centímetros. Pode ser que esse seja o primeiro beijo dele.

Você sabe que é o dela.

O primeiro beijo que deveria ser seu, pelo qual você esperou durante todos esses anos. Mas você a respeitou, em vez de beijá-la, sabendo de toda aquela pureza. Ela era muito inocente para ser maculada por essas coisas.

Sim, ela era muito pura, muito inocente.

Você escorrega pela parede externa da igreja, sente os tijolos ásperos e dolorosos arranhando e machucando sua pele através da roupa. Você

está tremendo, talvez esteja chorando. Como ela pôde? Como foi capaz de fazer isso com ela mesma? Como foi capaz de fazer isso com você?

Como pôde se deixar macular?

Ela agora não tem mais valor, exatamente como todas as outras prostitutas do mundo, sempre exibindo o corpo, o sorriso e os olhos cruéis, cheios de experiência. Você a teria idolatrado até o fim de seus dias.

Mas você a ama. Como poderia deixar de amar? Você a ama o suficiente para salvá-la, mesmo que tenha que salvá-la dela mesma.

Você ouve o rapaz ir embora, os lábios derramando uma desculpa – ele tem que ajudar os irmãos a se prepararem. Ouve o padre cumprimentar Darla Jean com alegria. Ele diz a ela que tem que correr até a cidade para comprar copos para a limonada. Será que ela vai ficar bem sozinha? Mas é claro que vai. Ela cresceu nessa igreja. Esse sempre foi para ela um lugar seguro. Ela não consegue imaginar um mundo onde isso não seja verdade. Quando você vê o padre se afastar pela trilha, se afastar, e se afastar mais ainda, você escuta a voz dela, que começa a cantar.

As canções dela também são suas, e agora não tem mais ninguém além de você para ouvi-las.

Quando você entra, ela o cumprimenta com um sorriso e uma risada, com os olhos brilhando. Você não pode dizer que são ingênuos. Não mais. Não agora, quando sabe que ela perdeu a inocência. O sorriso treme quando você se aproxima.

Ela tem a ousadia de perguntar o que aconteceu.

Você sabe que não tem muito tempo – são menos de três quilômetros até a cidade, e o padre costuma ir e voltar rapidamente –, mas tem tempo suficiente para mostrar a ela. E é isso o que você faz. Você mostra tudo a ela.

Você prometeu-lhe uma vida em comum, prometeu que estaria sempre disponível para ela. Prometeu-lhe o mundo.

Ela jogou tudo isso fora.

E a culpa do que você faz é toda dela.

Você sai correndo, ainda furioso com a dor e a traição.

Darla Jean fica para trás, caída no chão de pedra, o vestido branco, agora em frangalhos, rasgado em trapos que absorvem a poça vermelha.

Os narcisos que você colheu para ela – um presente, e olhe só o que ela fez – ficam espalhados no chão à sua volta. Os olhos dela estão estatelados e vazios, com ecos de confusão, e você criou um sorriso forçado que ela pode dividir com o mundo, se assim quiser.

Ela não pode mais rir, não pode cantar... e não pode macular o que é seu.

Não pode fazer mais nada. Talvez você não tivesse a intenção. Talvez sua faca de caça tenha escorregado e cortado fundo demais. Talvez você tenha se esquecido de que a superfície da pele tem muito sangue. Talvez tenha feito exatamente o que pretendia.

Ela era só mais uma prostituta, afinal.

Agora Darla Jean está morta.

Você não sabia que ela seria sua primeira.

Você também ainda não sabe, mas ela não será a última.





Plata



Trecho anticipado para divulgação. Venda proibida.

FEVEREIRO

Se você não cuida da papelada, ela se multiplica exponencialmente, assim como coelhos ou cabides de arame. Olhando feio para a mais recente pilha de papéis sobre sua mesa, o agente especial Brandon Eddison não consegue deixar de imaginar como seria vê-la pegando fogo. Não precisaria de muita coisa. Bastaria o riscar de um fósforo, o faiscar de um isqueiro, os cantos de uma ou duas páginas no meio da pilha para uma distribuição regular, e todos os papéis desapareceriam.

— Se botar fogo neles, vão imprimir tudo de novo e você vai ter toda a papelada de volta, além dos relatórios sobre o incêndio — disse uma voz risonha à sua direita.

— Cala a boca, Ramirez — ele suspira.

Mercedes Ramirez, companheira de equipe e amiga, dá risada de novo e se encosta à cadeira, alongando o corpo em uma linha ligeiramente encurvada. A cadeira responde com um rangido de protesto. A mesa dela também está coberta de papéis. Não são pilhas. Só papéis cobrindo a mesa. Se pedir uma informação específica, ela a encontrará em menos de um minuto, e ele nunca entenderá como isso é possível.

O espaço do terceiro membro e supervisor da dupla, agente especial supervisor-encarregado Victor Hanoverian, fica no canto, de frente para as mesas deles, formando um ângulo. Para desgosto e espanto de Eddison, toda a papelada sobre a mesa dele parece ter sido preenchida e separada em pastas de cores diferentes. Como líder do trio, Vic tem mais trabalho burocrático que os outros, e sempre termina tudo primeiro. Trinta anos na repartição fazem isso com a pessoa, Eddison supõe. Ainda assim, o pensamento é aterrorizante.

Ele olha para a própria mesa, para a mais nova pilha a ser colocada ali, e resmunga ao pegar as folhas de cima. Seu sistema confunde Ramirez tanto quanto a enerva, e, apesar do tamanho da pilha, ele não demora muito para transferir os papéis para as colunas apropriadas na parte de trás da mesa, separados por assunto e prioridade. As pilhas se alinham perfeitamente com os cantos da superfície, subindo em camadas com direções alternadas.

— Algum bom médico já falou com você sobre isso? — Ramirez perguntou.

— Algum programa de TV já tentou uma intervenção para o seu problema?

Ela sufoca uma risadinha e volta a dar atenção à mesa. Seria bom se, só de vez em quando, ela mordesse a isca. Ela não é inatingível, de jeito nenhum, mas é estranhamente indiferente à provocação.

— E o Vic?

— Está voltando para cá, foi acompanhar um depoimento. Bliss pediu para ele estar presente.

Ele se perguntou se deveria comentar que, três meses e meio depois de terem resgatado as sobreviventes do Jardim em chamas, ela ainda usava o nome das Borboletas, nomes que as vítimas receberam do homem que as tinha capturado.

Não comentou. Ela devia saber. O trabalho fica mais fácil, na maior parte do tempo, se tudo ficar organizado em caixinhas dentro da cabeça, e é mais difícil encaixar nessa organização quem as meninas eram antes de serem capturadas.

Ele precisa trabalhar. É dia de cuidar da burocracia, ou principalmente dela, e ao menos uma daquelas pilhas tem que desaparecer até o fim do dia. Seus olhos encontram a torre colorida de pastas que mora no canto direito de sua mesa, e que cresce cada vez mais com o passar dos anos e a adição de novas pastas sem respostas. Essa pilha nunca desaparece.

Ele apoia as costas no encosto da cadeira e estuda as duas fotos emolduradas sobre o móvel quadrado, que serve de arquivo e armário para material de escritório e formulários em branco. Uma é dele e

da irmã em um Halloween há muitos anos. Essa foi uma das últimas vezes que a viu, antes que ela fosse raptada no caminho da escola para casa. Uma menina de apenas oito anos. A lógica diz que ela deve estar morta. Faz vinte anos, mas ele ainda se pega examinando qualquer mulher de vinte e poucos anos que se pareça com ela. A esperança é uma coisa estranha e instável.

Mas Faith também era estranha e instável quando era só sua irmã, e não mais uma criança desaparecida a engrossar as estatísticas.

A outra foto é mais recente, tem só alguns anos, uma lembrança do passeio mais perturbador e inesperado que havia feito, e que não teve a ver com trabalho. Priya e a mãe dela o envolveram em vários passeios turísticos estranhos durante os seis meses que moraram na capital, mas aquele foi um pesadelo. Ele nem sabe ao certo como foram parar naquela área cheia de bustos enormes de presidentes. Entretanto, lá estavam, e, em dado momento, Eddison e Priya subiram nos ombros de Lincoln, ambos apontando para o grande buraco na parte de trás da cabeça da estátua. Realista? Sim. Intencional? Levando em conta o péssimo estado de conservação dos outros bustos de seis metros de altura... Não, nada disso. Tinha outras fotos daquele dia, todas guardadas na caixa de sapato na parte de baixo de seu closet, mas aquela era a favorita. Não por causa do busto totalmente desconcertante de um presidente assassinado, mas porque foi nela que Priya se surpreendeu sorrindo.

Ele nunca conheceu a Priya que sorria sem pensar; ela havia se dilacerado dias antes de ele conhecer a menina que surgiu daqueles pedaços. A Priya que ele conhece é toda garras afiadas, dentes à mostra e sorrisos que são tapas na sua cara, como um desafio. Qualquer coisa mais branda, qualquer coisa mais gentil, é fruto de um acidente. A mãe dela ainda pode ver um pouco dessa suavidade, mas ninguém mais, não depois que a irmã de Priya foi reduzida a fotos e fatos em uma das pastas coloridas no fundo da mesa dele.

Eddison tem certeza absoluta de que nunca teria feito amizade com a antiga Priya. Ainda se assusta por ser amigo dessa versão. Ela devia ser apenas a irmã de uma vítima de assassinato, uma garota a ser

entrevistada e de quem sentir pena sem nunca conhecer de verdade. No entanto, Priya tornou-se muito revoltada nos dias seguintes à morte de sua irmã. Com o assassino, com a irmã, com a polícia, com a porra do mundo inteiro. Eddison conhece bem esse tipo de raiva.

E por estar pensando nela, porque é dia de se dedicar à burocracia após uma sequência de dias ruins lutando para conter a mídia no caso Borboleta, ele pega o celular, tira uma foto do retrato emoldurado e manda para ela por mensagem. Não espera uma resposta. O relógio informa que são só nove da manhã onde Priya está, e sem a escola para obrigá-la a acordar, ela ainda deve estar embaixo dos cobertores, tão enrolada quanto um burrito.

Porém, o celular vibra um minuto depois, anunciando uma resposta. Uma foto de um prédio de tijolos vermelhos que deveria ser imponente, mas parece apenas pretensioso, uma faixa de tijolos coberta por grades de ferro enferrujado que provavelmente se recobrem de folhagens trepadeiras nos meses mais quentes. Janelas altas, estreitas e de aparência medieval espalham-se pela superfície de tijolos.

Que diabo é isso?

O celular vibra de novo. *Essa é a escola em que quase me enfiaram. Você tinha que ver os uniformes.*

Eu sabia que você estava fazendo as aulas on-line só para poder passar o dia todo de pijama.

Bom, não SÓ. Você sabe que o diretor reclamou quando minha mãe avisou que não faria minha matrícula? Disse que ela estava me prejudicando por permitir que eu escolhesse uma educação inferior.

Ele faz uma careta. *Isso não pode ter acabado bem.*

Acho que ele está acostumado a conseguir o que quer só botando o pau na mesa. O pau da minha mãe é mais impressionante.

Um peso cai sobre seus ombros e ele titubeia, mas é só Ramirez. O conceito dela de espaço pessoal é muito diferente do dele, a começar pelo fato de que ele tem um, e ela não. Em vez de discutir, porque isso nunca serve para nada, ele vira a tela para permitir que ela a veja.

— Botar o... Eddison! — Ramirez puxa sua orelha e a torce com força. — Você ensinou isso para ela?

— Ela tem quase dezessete anos, Ramirez. É perfeitamente capaz de ser grosseira por conta própria.

— Você é má influência.

— E se for ela a má influência?

— Quem é o adulto?

— Nenhum de vocês dois, com certeza — responde uma terceira voz.

Os dois reagem com receio.

Mas Vic não os adverte sobre a proibição do uso de celulares pessoais durante o expediente, ou sobre o trabalho que eles deveriam estar fazendo. Só passa por eles envolto pelo aroma de café fresco e diz:

— Mande um oi para Priya.

Obediente, Eddison digita o recado enquanto Ramirez volta à própria mesa. Ele ri da resposta imediata de Priya: *Ahhh, ficou de castigo?*

O que está fazendo acordada, aliás?

Dando uma volta. O tempo finalmente mudou.

Não está frio?

Está, mas não tem mais neve, granizo, garoa e outras porcarias molhadas e frias que caem do céu. Sai para ver o que tem por aqui.

Liga para mim mais tarde. Para contar o que tem por aí.

Ele espera uma resposta afirmativa, depois guarda o celular na gaveta com a arma e o distintivo e todas as outras coisas com as quais não se deve brincar quando se está sentado atrás da mesa. No show de horrores quase incessante que é seu trabalho, Priya é uma centelha espinhosa de vida.

E ele está na repartição há tempo suficiente para ser grato por isso.



Huntington, no Colorado, é muito gelada em fevereiro. Mesmo usando roupas suficientes para me sentir três vezes maior do que sou, o frio consegue penetrar cada camada de tecido. Estamos aqui há três semanas, e hoje é o primeiro dia em que o tempo é quase legal para sair e conhecer alguma coisa.

Até agora, tudo é bem parecido com qualquer um dos lugares onde moramos nos últimos quatro anos. A empresa para a qual minha mãe trabalha nos manda para todos os cantos do país a fim de que ela possa resolver problemas, e daqui a três meses estaremos partindo de novo, talvez definitivamente, para que ela assuma a área de Recursos Humanos na filial de Paris. Não que a França seja de fato nosso destino final, mas acho que nós duas torcemos para que seja. “Priya em Paris” soa bem legal. Enquanto isso, Huntington é perto o bastante de Denver para que minha mãe possa ir e voltar todo dia, mas longe o bastante para ter um clima mais de bairro que de cidade, de acordo com o agente da empresa que nos acompanhou até a casa no primeiro dia.

Depois de cinco dias de poças geladas, havia nevado no fim de semana, o que deixou os gramados fofos e brancos e as vias feias e cinzentas. Não tem nada mais feio que neve raspada. As ruas estão desobstruídas, pelo menos, mas todas as calçadas ficaram azuis por causa do sal. Tenho a sensação de andar sobre os restos de uma chacina Smurf.

Mesmo que esteja usando luvas, ponho as mãos nos bolsos do casaco enquanto ando, em parte para esquentá-las, em parte para impedir que meus dedos agitados procurem por uma câmera melhor que a do meu celular. Deixei a câmera boa em casa, mas Huntington é um pouco mais interessante do que eu esperava que fosse.

Quando passava pela escola fundamental mais próxima, vi uma casa de esquilo montada em um lado do parquinho; é basicamente um galinheiro vermelho suspenso sobre estacas. Tem um buraco na parte de baixo para os esquilos poderem entrar e sair, e lá dentro noto uma luz vermelha piscando, provavelmente da câmera que mostra aos alunos os roedores durante o inverno. Nesse momento, alguns dormem tranquilamente no que parece ser serragem e pedaços de colchas meio destruídas. Sim, eu espiei. É uma casa de esquilo.

Pouco mais de um quilômetro à frente tem um espaço vazio e recuado em uma esquina. Essa área é pequena demais para ser um estacionamento, mas tem um lindo caramanchão de ferro no meio dela. É uma espécie de caramanchão, não tem assoalho, só as colunas cravadas bem fundo no chão congelado; mas, apesar da resistência

do material, os apoios são entrelaçados de um jeito complexo, e a cobertura em forma de cebola parece delicada como renda. É como uma capela de casamentos ao ar livre, mas cercada por lanchonetes de *fast food* e vizinha de um consultório de oftalmologia.

Após decidir voltar para casa por um caminho mais longo, atravesso um cruzamento de sete ruas, metade delas de mão única, e com todas as placas voltadas para o lado errado. Não há nenhum carro à vista em nenhuma das sete ruas. É verdade que são pouco mais de onze e meia da manhã, e quase todo mundo está no trabalho ou na escola, mas tenho a sensação de que esse cruzamento só é enfrentado por motoristas muito resignados com a morte.

Tiro fotos de tudo mesmo assim, apesar de saber que vão ficar horríveis no celular, porque fotografar é o que faço. De algum modo, o mundo parece um pouco menos assustador se consigo manter as lentes da câmera entre mim e todo o resto. De maneira geral, porém, tiro fotos para Chavi, para que ela possa ver as coisas que vejo.

Chavi morreu há quase cinco anos.

Eu ainda tiro fotos.

A morte de Chavi foi o motivo pelo qual conheci os agentes do FBI, e eles são meus de um jeito importante, Eddison, Mercedes e Vic. Chavi deveria ser só mais um caso para eles. Minha irmã mais velha deveria ser só mais uma garota morta em uma pasta, mas, desde então, eles estão sempre me pedindo notícias. Cartões, e-mails e telefonemas, e em algum momento parei de me ressentir com as lembranças do assassinato de Chavi, grata por ter meu estranho grupo de amigos em Quantico, enquanto nos mudamos de um lugar para outro.

Passo por uma biblioteca que mais parece uma catedral, cheia de vitrais e com uma torre de sino. Passo também por uma loja de bebidas vizinha a um escritório de advocacia especializado em defender motoristas intoxicados. Um pouco mais à frente há uma área comercial ancorada, de um lado, por uma enorme academia de ginástica vinte e quatro horas, e, de outro, por uma instituição com atividades educativas para crianças; entre as duas há sete tipos diferentes de restaurantes *fast food*. Essa bagunça contraditória me agrada de um

jeito estranho, como um símbolo de que nossas melhores intenções tendem a acabar em pizza, e os vícios estão bem ali, esperando.

Uma área muito maior, com dois andares e decoração elaborada demais para um centro comercial ao ar livre, abriga uma loja Kroger que talvez seja a mais chique do país. Uma placa do lado de fora anuncia um Starbucks lá dentro, mas tem outro Starbucks na parte externa do centro comercial e mais um que fica logo em frente. Isso deveria ser uma piada, mas não é.

Eu devia almoçar, mas, sempre que posso, evito comer fora sozinha. Não é uma preocupação com a saúde; se eu tiver a companhia de minha mãe, como qualquer coisa pronta. É o fato de estar sozinha. Depois de alguns anos tentando equilibrar as necessidades do meu corpo e as que minhas emoções insistem em impor, ainda não sou boa nisso. Às vezes, principalmente nos dias ruins, ainda como até passar mal diante da constatação de que Chavi não está mais aqui. Ela não está *aqui* e isso dói muito, dói de um jeito que não faz nenhum sentido, porque tudo que dói desse jeito deveria sangrar, sair da gente, deveria poder ser *consertado*, e isso não pode. Então, comer Oreos até ficar inchada, com dor de estômago e vomitar é um jeito de obrigar a dor a fazer sentido.

Faz alguns meses que ultrapassei aquela linha que tracei para mim mesma e desabei na frente do vaso sanitário. Oreos não têm um gosto tão bom no caminho de volta, mas ainda tenho... *consciência*, acho, de que meu controle não é como deveria ser. Minha mãe sempre se preocupou muito menos com o peso do que com a parte de eu comer até passar mal, mas ao unirmos sua força de vontade inabalável e o alívio que sinto diante dessa força, conseguimos estabilizar as coisas, e não estou mais oscilando loucamente entre os extremos preocupantes da magreza esquelética e de um corpo redondo.

O fato de meu peso atual me deixar mais parecida que nunca com Chavi... bem. Nos dias bons, dou de ombros e evito cuidadosamente as fotos ou espelhos maiores que os de bolsa. Nos dias ruins, é como se um exército de agulhas penetrasse minha pele e meus dedos formigassem pedindo Oreos. Minha mãe diz que sou uma obra em andamento.